

# IMPORTÂNCIA E EFICÁCIA DAS CONSULTAS DE ENFERMAGEM AO PACIENTE SURDO<sup>1</sup>

Micheli Oliveira Trecossi<sup>2</sup>  
Elisangela Panosso de Freitas Ortigara<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a importância e eficácia das consultas de enfermagem aos pacientes surdos, a partir de uma revisão de literatura. O tema proposto justifica-se pela necessidade de despertar o interesse dos profissionais de enfermagem sobre a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), como forma de comunicação durante as consultas de enfermagem em pacientes surdos. A coleta de dados foi realizada a partir de publicações indexadas utilizando-se os Descritores em Ciência e Saúde e para a análise de dados foi empregada a Técnica de Análise Temática. Os dados obtidos neste trabalho fazem refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelo surdo e enfermeiro, quanto às informações prestadas pelo surdo e o entendimento pelo profissional de enfermagem. Nos fez perceber que os enfermeiros estão procurando capacitar-se para oferecerem um melhor atendimento aos pacientes surdos, já que o primeiro contato do paciente dentro do hospital se dá com o enfermeiro e os dados estatísticos apontam um grande aumento de pacientes surdos que procuram atendimento hospitalar nos últimos anos, necessitando, porém, de profissionais capacitados para propiciar um atendimento de qualidade e mais humanizado.

**Palavras-chave:** Linguagem de sinais. Enfermagem. Surdez.

## IMPORTANCE AND EFFECTIVENESS OF NURSING CONSULTATIONS TO DEAF PATIENTS

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the importance and effectiveness of nursing consultation for patients who are deaf, from a review of the literature. The proposed theme is justified by the need to awaken the interest of nursing professionals about LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais (Brazilian Sign Language), as a way of communication during nursing consultations in deaf patients. The data were collected from indexed publications using the Descriptors in Science and Health and to the data analysis was employed the Technique of Thematic Analysis. The data obtained in this study reflect on the difficulties faced by the deaf and the nurse, with regard to the information provided by the deaf and the understanding by the nursing professional. It made us realize that the nurses are seeking to empower themselves to offer a better service to deaf patients, since the first contact of the patient within the hospital with the nurse and the statistical data indicate a large increase of deaf patients seeking hospital care in recent years, however, requiring trained professionals to provide quality care and more humanized service.

---

<sup>1</sup> Revisão Integrativa.

<sup>2</sup> Graduação em Enfermagem pela UNIPAR. Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. E-mail: [micheli\\_trecossi@hotmail.com](mailto:micheli_trecossi@hotmail.com).

<sup>3</sup> Enfermeira Mestre em Enfermagem, professora do Curso de Enfermagem da UNIPAR - Universidade Paranaense Campus Guaíra. E-mail: [elisangelapfreitas@gmail.com](mailto:elisangelapfreitas@gmail.com).

**Keywords:** Sign language. Nursing. Deafness.

## INTRODUÇÃO

Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/2010), o número de surdos no Brasil chega a 344.206 casos. Cerca de 1.798.867 de pessoas declaram ter grande dificuldade permanente de ouvir, o que corresponde a uma população significativa de pessoas portadoras dessa deficiência e que conseqüentemente necessitam de atenções especiais. No Estado do Paraná também há um número bastante expressivo de surdos, sendo este de 18.988, destaca-se que no Paraná as pessoas com grande dificuldade auditiva correspondem ao número de 100.206 casos.

O direito a igualdade para as pessoas com deficiência não se limita à igualdade de oportunidades, necessita também da disponibilidade de recursos específicos, adequações, adaptações e apoio. As pessoas com deficiência, assim como as demais, têm direito à inclusão nos diferentes ambientes sociais e a uma vida com qualidade com o acesso à educação inclusiva e acessível, além de atenção e saúde de qualidade. (DECLARAÇÃO DE MONTREAL/CANADÁ, 2004).

Tendo em vista a falta de profissionais qualificados de enfermagem para atender a demanda existente em nosso País de pacientes surdos, faz-se necessário a busca por melhorias a fim de se criar uma melhor atenção em saúde a esses pacientes. Nesse caso a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) entre o deficiente auditivo e enfermeiro pode ser utilizada como forma de inclusão social e de humanização do atendimento prestado pelo profissional.

No Brasil, já há grandes avanços legais nesta área. As leis conhecidas como Lei da Acessibilidade (10.098/00) e Lei de Libras (10.436/02) são conquistas significantes em prol dos direitos das pessoas com deficiência. (BRASIL, 2002).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 15% da população brasileira possui algum tipo de deficiência auditiva. Ao se comparar os portadores de deficiência física, auditiva e visual, o surdo é quem defronta com maior dificuldade de inclusão social, já que a audição é um sentido fundamental para obtenção e uso da linguagem. Devido à falta de conhecimento sobre suas limitações, na maioria das vezes o surdo é visto como rebelde ou como uma pessoa que não revela seus sentimentos. (PAGLIUCA; FIUZA; REBOUÇAS, 2007).

Observando a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) traz em seu artigo 196, que a saúde é um direito de todos e dever do Estado. Verifica-se mediante tal Legislação que os surdos também têm direito ao acesso às instituições de saúde, pois é um cidadão como

todos os outros, e o Estado tem o dever de assegurar que este atendimento ocorra, e com nível de qualidade de excelência.

De acordo com o Código de Ética do Profissional Enfermeiro (CEPE), em seu artigo segundo, é direito do enfermeiro “aprimorar seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais que dão sustentação a sua prática profissional.” E no artigo quinze, o enfermeiro tem o dever de ofertar uma assistência livre de preconceito de qualquer natureza. (COFEN, 2007).

Portanto, apoiado pelo CEPE e pela Lei Federal 10.436, o profissional da enfermagem tem o direito e o dever de realizar um curso de formação em Libras a fim de prestar uma assistência de qualidade aos pacientes surdos. (COFEN, 2007).

É necessário que o enfermeiro aperfeiçoe seus conhecimentos e suas especialidades, pois é visto como agente transformador que precisa acompanhar as prioridades de seus pacientes. (TIMBY apud ORIÁ; MORAES; VICTOR, 2004).

O presente estudo justifica-se por perceber as dificuldades enfrentadas pelo paciente surdo diante dos atendimentos prestados nos hospitais pelos enfermeiros e médicos, levando-se em conta a dificuldade de comunicação que há entre ambos e a necessidade de aprendizagem sobre a Língua Brasileira de Sinais, a qual proporcionaria um melhor atendimento a estes pacientes, por tais profissionais da saúde.

Um dos motivos principais para a escolha deste tema foram as experiências vividas pela pesquisadora durante dois anos, nos quais atuou em uma escola da Rede Pública, exercendo a função de professora intérprete de Libras, onde pôde –se presenciar muitas situações lamentáveis, justamente pela falta de interesse e/ou desconhecimento sobre a linguagem de sinais e pelo descaso das pessoas com os deficientes auditivos.

O interesse por este assunto foi se intensificando a medida que percebe-se necessidade de prestar um atendimento de saúde adequado aos deficientes auditivos. Aprofundando no que se refere ao atendimento à saúde dos pacientes surdos, identifica-se que existem poucos enfermeiros e funcionários de instituições de saúde inseridos no contexto dos surdos, com conhecimentos da sua forma de linguagem para prestar um atendimento de qualidade à essa população que faz parte de nossa sociedade.

Identificando-se a falta de preparo por parte de profissionais da saúde para lidar com a deficiência auditiva dos pacientes que necessitam de seus atendimentos, faz-se o seguinte questionamento: Qual é a eficácia da consulta de enfermagem ao paciente surdo?

Portanto, este estudo teve como objetivo discutir sobre a importância e eficácia das consultas de enfermagem aos pacientes surdos a partir de um estudo de revisão bibliográfica.

## **1 METODOLOGIA**

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, do tipo qualitativa, acerca da temática do estudo. A coleta de dados foi realizada a partir de publicações indexadas nas bases de dados da Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): linguagem de sinais, enfermagem e surdez.

Adotou-se como critério de inclusão artigos publicados a partir de 2005 com o intuito de analisar as publicações mais atuais sobre a temática. Foram encontrados oito artigos publicados que evidenciaram as dificuldades enfrentadas pelo paciente surdo quanto ao atendimento à saúde, bem como relatos dos mesmos sobre a temática. Os dados foram analisados utilizando-se o Método de Análise Temática de Minayo (1999).

Durante a análise dos dados, buscou-se especificar uma forma de aproximar o profissional de enfermagem às pessoas surdas, para se criar um elo de comunicação entre os mesmos, focando na importância e na eficácia das consultas de enfermagem para os pacientes surdos.

## **2 IMPORTÂNCIA E EFICÁCIA DAS CONSULTAS DE ENFERMAGEM AO PACIENTE SURDO**

Grande parte dos artigos encontrados enfatizaram a necessidade de formação em libras por parte dos enfermeiros e médicos, já que esta língua é socializadora da comunidade surda, e para que o atendimento a eles tenham um melhor aproveitamento.

A partir da análise dos dados coletados, emergiram duas categorias: a primeira denominada Libras Um desafio Para a Enfermagem e a segunda O Atendimento ao Paciente Surdo Pelo Profissional de Enfermagem.

### **2.1 Libras um desafio para a Enfermagem**

A deficiência auditiva é o segundo maior tipo de deficiência presente na população brasileira, ficando atrás apenas da deficiência visual (IBGE, 2000).

A linguagem sendo o conjunto de significações humanas que utiliza códigos finitos para representar infinitos significados, permite ao homem compartilhá-los e então reconhecer

o sofrimento humano, bem como percepções de dor ou prazer, permitindo-lhe expressar ao outro o reconhecimento que tem sobre seus sentimentos. (PÁSCOA et al., 2009, p. 2).

Antes, porém, somente as linguagens faladas eram passíveis de serem compreendidas por meio da audição. Foi na década de 60 que as línguas de sinais foram estudadas e analisadas. Tendo, portanto sua origem no alfabeto manual francês e chegou ao Brasil em 1856 e no momento é a língua adotada e compreendida por surdos ou por qualquer pessoa interessada na comunicação dos deficientes auditivos. (BARBOSA et al, 2003, p. 248)

Reconhecida como meio legal da comunidade surda pela Lei Federal nº 10.436/02 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, a Língua Brasileira de Sinais vem adquirindo Status ao longo dos anos, pois a parcela de surdos vem aumentando significativamente, precisando ser integrada à sociedade, tornando-se, no entanto, de suma importância para todos os profissionais, inclusive os da enfermagem. (PÁSCOA et al, 2009, p. 2).

A língua de sinais é, portanto, (re) socializadora do humano surdo e, como pessoa aprendente se torna capaz e mais habilidoso quando sua aprendizagem decorre da dialogenia, se compondo das relações com os outros seres, valorando sentimentos, relações e processos cognitivos, atitudes e crenças, na realidade, coexistindo com consciência pessoal e coletiva, como participante ativo das vivências com outros humanos, surdos e ouvintes. (FALCÃO, 2011, p. 20).

Vemos, portanto, uma grande necessidade por parte dos profissionais da saúde em estarem adquirindo conhecimentos desta Língua, para que os pacientes surdos tenham melhor qualidade de atendimento. Sabemos que a falta de habilidade com esta língua torna-se uma barreira, distanciando o paciente surdo do profissional da saúde, gerando prejuízos para ambos os lados, dificultando a consulta e provável diagnóstico. (CHAVEIRO; BARBOSA; CELMO, 2008).

Segundo Cruz et al. (2007) “isso se torna ainda mais agravante quando os profissionais da saúde necessitam usar máscara facial, impossibilitando a tentativa do surdo de realizar uma leitura labial”.

Assim como as outras línguas a linguagem não-verbal deve ser também compreendida e valorizada nas áreas de saúde, pois é extremamente importante na comunicação da comunidade surda. Se a comunicação entre paciente surdo e profissional de saúde não for satisfatória por parte do paciente poderá levar o mesmo a não procurar os serviços de saúde novamente. (PÁSCOA et al, 2009, p. 2).

Verifica-se, portanto que por ser extremamente difícil a comunicação entre profissionais de saúde e surdos, é essencial a formação e aprendizado do enfermeiro no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais.

Apesar de sua importância, conteúdos de comunicação nem sempre são abordados nos processos de formação em enfermagem nos seus diversos níveis, ou são poucos em disciplinas mais abrangentes. Para a enfermagem, em especial, que lida constantemente em seu cotidiano profissional com os clientes, isso traduz em assistência precária, já que o profissional não terá condições adequadas de reconhecer mensagens não-verbais e/ou implícitas nas falas dos pacientes, o que muitas vezes pode ser o mais revelador a respeito de suas condições de saúde. (PÁSCOA et al, 2009, p. 2).

Faz-se necessário que os profissionais da saúde, médicos e enfermeiros, que atendem o paciente surdo, tenham condições plenas de se comunicarem sem a necessidade de um intérprete, proporcionando assim um atendimento de melhor qualidade.

Percebe-se que o acesso a LIBRAS é primordial na construção da identidade da pessoa surda em todos os seus aspectos, a saber, linguísticos, cognitivos e sociais. Aprender LIBRAS o mais rápido possível seria o ideal para o profissional enfermeiro, porque somente assim haveria uma perfeita comunicação com seu cliente e não apenas compreender sua patologia. (CHAVEIRO; BARBOSA; CELMO, 2008).

Segundo Chaveiro e Barbosa (2004), a presença de intérprete junto ao serviço de atendimento na saúde é uma realidade, mas que isto não prepara o profissional para a inclusão efetiva. Necessita-se de conhecimento na área de Libras para que o atendimento ao paciente surdo seja mais humanizado.

## **2.2 O Atendimento ao Paciente Surdo pelo Profissional de Enfermagem**

É importante que haja uma adequada inclusão social nos serviços de saúde, pois somente assim haverá uma humanização de qualidade dos serviços prestados aos portadores de necessidades especiais. Tornou-se portanto um desafio para a enfermagem a comunicação com paciente surdo. (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004).

Quando falamos sobre entendimento entre pessoas envolvidas, questionamos a relação paciente surdo e profissional, fazendo as seguintes perguntas: os médicos conseguem compreender as expressões não verbais destes pacientes? E os pacientes surdos compreendem as informações dos médicos. (CHAVEIRO et al, 2008, p. 148)

Sabe-se, portanto que a presença de intérpretes é necessária, mas isso não faz com que o profissional realize uma inclusão perfeita, que neste caso seria o de um atendimento profissional realizado através de uma consulta entre paciente e profissional sem outras intervenções, já que em muitos casos, até que se consiga um intérprete, a doença pode agravar.

Verificou-se através da análise dos artigos pesquisados que os pacientes surdos encontram várias barreiras durante o atendimento a sua saúde, principalmente na saúde, já que não são compreendidos, devido a escassez de enfermeiros com conhecimento em Libras ou em outros métodos visuais que possam a vir facilitar o atendimento aos pacientes surdos.

Durante a pesquisa realizada, diante de alguns depoimentos de pacientes surdos, como é o caso de Pimenta (2001), autor surdo, compreendeu-se que ainda existe uma grande barreira, onde o mesmo citou que “a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana pois ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte é apenas diferente”. O que nos faz refletir ainda mais sobre essa condição do paciente surdo, que ao se deparar com um atendimento médico, se frustra, quando não compreendido pelo profissional, comprometendo o vínculo existente entre ambos. (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004, p. 169).

Sabe-se, portanto, que para aprender LIBRAS é necessário dedicação, pois trata-se de uma língua nova, porém é possível preparar estes profissionais de saúde de aprendizado básicos que venham futuramente auxiliar no seu trabalho, melhorando o relacionamento profissional/paciente e também contribuir para a verdadeira inclusão dos deficientes auditivos. (BARBOSA et al, 2003, p. 250).

Os pacientes surdos fazem uso diferenciado do sistema de saúde comparado aos pacientes ouvintes e dizem sentir medo, desconfiança e frustração. Alguns surdos dizem que a Língua de sinais não é opcional, e sim a língua da comunidade surda e que o médico escreve horário em que se deve tomar remédio, isso é fácil. Difícil é entender as explicações sobre a doença e qual é o efeito do remédio. (CHAVEIRO et al, 2008, p. 148-149)

O ambiente hospitalar, que por si só favorece a insegurança, o paciente precisa se sentir seguro e ter confiança no profissional que o atende para permitir o cuidado, e esse vínculo de confiança se conquista muitas vezes através comunicação interpessoal.

De acordo com Barbosa et al (2003), a ligação entre cliente e profissional de saúde muitas vezes fica prejudicado pelo fato do cliente ser visto como objeto da prática de saúde. A humanização é favorável a todos, inclusive ao Sistema único de Saúde, à sociedade brasileira

e à cidadania. Observou-se diante deste estudo, que os profissionais que atuam na enfermagem, bem como aqueles que futuramente irão atuar, sentem ou já sentiram dificuldades em se comunicar com pacientes surdos e por isso revelam que já sentiram necessidade ou que há muito tempo já desejavam aprender a se comunicar em sinais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Identifica-se que na sociedade prega-se muito a necessidade de conviver com as diferenças. A língua brasileira de Sinais é uma ferramenta muito importante na formação discursiva do surdo, bem como para o entendimento por parte dos enfermeiros e outros profissionais da saúde, propiciando, assim, uma melhor comunicação e interação, tornando os serviços de enfermagem de melhor qualidade.

Os dados obtidos neste trabalho fazem refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelo surdo e enfermeiro, quanto às informações prestadas pelo surdo e o entendimento pelo profissional de enfermagem. Compreende-se que na maioria das vezes por não dominar a língua brasileira de sinais, os profissionais acabam usando a mímica como recurso, o que dificulta o processo de tratamento destes pacientes.

A participação dos enfermeiros em cursos de capacitação de Libras faz-se necessário à medida que os dados obtidos pelo IBGE mostram que o número de deficientes auditivos no País se encontra avançado, sendo necessário proporcionar aos mesmos, uma melhor qualidade no atendimento à saúde. Sendo assim, o profissional enfermeiro precisa estar inserido neste contexto.

As barreiras de comunicação encontradas pelos médicos, enfermeiros e pacientes surdos, são prejudiciais ao diagnóstico e tratamento das doenças desses pacientes. Quando a comunicação entre ambos é realizada corretamente, promove-se uma assistência mais humanizada, tornando assim, uma sociedade mais inclusiva.

Observou-se que atender aos pacientes surdos quando procuram a saúde, é dever dos profissionais, cabendo assim aos mesmos, a obrigação de se instruírem para que quando solicitado seus conhecimentos referente a libras, possam colaborar na construção da sociedade mais humana e digna, oferecendo uma consulta de enfermagem verdadeiramente eficaz.

## **REFERÊNCIAS**



BARBOSA, M. A, Oliveira, M. A., SIQUEIRA, K.M., DAMAS, K.C.A., PRADO, M.A. A Linguagem Brasileira de Sinais – Um desafio para a assistência de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 247-251, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 abril 2002.

BRITTO, Fernanda da Rocha. SAMPERIZ, Maria Mercedes Fernandez. Communication difficulties and strategies used by the nurses and their team in caring for the hearing impaired. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 80-85, 2010.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. A surdez, o surdo e seu discurso. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 166-177, 2004.

CHAVEIRO, Neuma. BARBOSA, Maria Alves. CELMO Celso Porto. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 3, p. 578-583, 2008.

COFEN. **Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem**. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 2007.

CRUZ, Mafalda Luiza Coelho Madeira. LOPES, Vanessa Marques. Inclusão social do deficiente auditivo: uma reflexão do atendimento do psicólogo na internação hospitalar. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 21, p. 191-202, 2007.

FALCÃO, L. A. B.. **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. 2. ed. Recife: Editora do Autor, 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/2000. **Percentual de pessoas surdas no Brasil** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>>. Acesso em: 26 fev. 2012.

JUNIOR, Rafael Ubida Grossi. SANTOS, Débora. Utilização da Língua Brasileira de Sinais no Atendimento aos Surdos / Deficientes Auditivos como Forma de Humanização da Enfermagem. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, v. 5, dez. 2009. Disponível: <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=191>>. Acesso em: 27 fev. 2012.

MINAYO, Maria de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec Ltda, 1999.

MONTREAL, Canadá OPS/OMS. **Declaração de Montreal sobre a deficiência intelectual**. 06 de outubro de 2004. Disponível em: <[http://www.defnet.org.br/decl\\_montreal.htm](http://www.defnet.org.br/decl_montreal.htm)>. Acesso em: 19 fev. 2012.

ORIÁ, Mônica Oliveira Batista; MORAES, Leila Memória Paiva; VICTOR, Janaína Fonseca. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente

hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 292-297, 2004. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/revista/revista6\\_2/pdf/R4\\_comunica.pdf](http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/pdf/R4_comunica.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2012.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. FIUZA, Nara lúgia Gregório. REBOUÇAS, Cristina Brasil de Almeida. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v. 41, n. 3, p. 411-418, 2007.

PÁSCOA, Francisca Roberta Barros. QUEIROZ, Ana Paula Oliveira. ROCHA, Elaine da Silva Nunes. LIMA, Francisca Elisângela Teixeira. Importância da Linguagem de Sinais para Assistência à saúde dos pacientes Surdos: Estudo Bibliográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 61., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: [s.n.], Dezembro 2009. p. 4606-4609.